

RESENHA

PROUST SOUS LES TROPIQUES. DIFFUSION, RÉCEPTIONS APPROPRIATIONS ET TRADUCTION DE MARCEL PROUST AU BRÉSIL (1913-1960)

WEIGEL, François¹

SAUTHIER, Étienne. *Proust sous les tropiques. Diffusion, réceptions, appropriations et traduction de Marcel Proust au Brésil (1913-1960)*. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2021, 362 p. - ISBN-10 2757432869.

Entre 1922 e 1923, Jorge de Lima conheceu a obra de Marcel Proust por um caminho “rocamboloso” (p. 92)²: trabalhando como médico na base aérea Latécoère de Maceió, recebeu de presente, das mãos de um aviador francês, seu primeiro livro de *Na busca do tempo perdido*. O jovem poeta escreveria depois o livro de poesias *O mundo do menino impossível*, publicado em 1925, no qual o poema-título “pode ser considerado como a primeira intertextualidade proustiana” publicada no Brasil (p. 103); mais tarde, em 1929, por ocasião de um concurso para ser professor no *Liceo Alagoano* de Maceió, produziria o primeiro ensaio realizado em âmbito acadêmico brasileiro.

Em 1933, no seu prefácio de *Casa-grande e senzala*, Gilberto Freyre, partindo de uma intuição do urbanista Lúcio Costa sobre as camadas temporais que se veem nas velhas casas mineiras, inscreve sua própria perspectiva de estudo sob “a patronagem proustiana” (p. 15), ao

¹ François Weigel, Doutor em Literatura Comparada, Professor Adjunto na área de Língua Francesa e Literaturas, UFRN. E-mail: francois.weigel@laposte.net.

² Todas as citações em que o nome do autor não é citado, figurando apenas com o número de página, são traduções do texto de Étienne Sauthier.

afirmar que “O estudo da história íntima de um povo que tem alguma coisa de introspecção proustiana” (FREYRE, 1995, p. LXV).

Nos anos 1950, Christiane Mendes Caldeira, elegante e bela dama da boa sociedade paulista, de origem francesa, tornou-se uma das primeiras celebridades populares da televisão brasileira ao responder com brilho a todas as perguntas feitas sobre Marcel Proust, no programa *O céu é o limite*, da TV Tupi. “É assim, através dessa mídia popular que boa parte de brasileiros ouviram falar pela primeira vez de Proust, na voz da candidata de um jogo televisivo” (p. 280).

São três episódios saborosos da circulação de Proust e de sua obra no Brasil. Três fragmentos, entre vários outros, que ilustram a variedade de tons e matizes formando a matéria ampla e instigante que Étienne Sauthier, um historiador ciente do prazer da narração, reconstrói e analisa no seu livro farto em detalhes instigantes desse tipo. São três tempos, três datas lembradas em *Proust sous les tropiques*, cuja estruturação cronológica, partindo de 1913 – data em que *Do lado de Swann* é publicado –, permite delimitar continuidades e rupturas no percurso da obra proustiana no Brasil.

Embora os primeiros artigos que evocam Proust na imprensa brasileira só surjam depois da Grande Guerra, Étienne Sauthier inicia o percurso desse livro a partir do grande conflito mundial. Ele demonstra em que medida a guerra vai alterar a percepção do Brasil sobre a Europa, vista como um espaço em decadência, apesar de ainda constituir um forte polo de atração cultural para jovens intelectuais brasileiros, que não eram poucos a viajar e completar suas formações em Paris. Quando Proust recebe o Goncourt em 1919 para *À sombra das moças em flor*, sua obra finalmente começa a ter mais repercussão, em um misto de sucessos e polêmicas. Ao oferecer seu prêmio mais prestigioso a um romance que se ambienta longe das trincheiras, é como se a França tornasse deliberadamente as costas à guerra e à morte, iniciando com perfume de escândalo os “anos loucos” de entreguerras.

Ora, três dias após o resultado do Goncourt, a imprensa brasileira já repercute essa novidade literária. Para vários leitores da elite brasileira, a obra de Proust logo terá o charme de prolongar um mundo considerado como agonizante – a sociedade rebuscada e o esnobismo mundano da “Velha Europa”. Sauthier avança que, nesses primeiros anos de recepção, o horizonte de espera de vários proustianos brasileiros – habitados por essa ideia de uma moral em crise e considerando a obra de Proust como vinculada a um passado morto – foi influenciado pelos círculos intelectuais, católicos e nacionalistas, que jovens brasileiros frequentavam em Paris. A começar por Alceu Amoroso Lima, cujo papel foi central no desenvolvimento de uma crítica brasileira sobre Marcel Proust.

Com o tempo, essas orientações particulares da recepção de Proust vão se enriquecer de muitas outras chaves de leitura e as variações geográficas identificadas por Étienne Sauthier são particularmente interessantes. Em torno de 1920, os primeiros livros de Marcel Proust, em língua original, chegam às livrarias brasileiras ou são levados nas bagagens de jovens intelectuais, começando a circular entre as mãos das elites culturais do país; contudo, no Nordeste, à margem dos polos nacionais que constituem o Rio de Janeiro e São Paulo, a descoberta de Proust está mais ligada “à viagem a ao acaso” (p. 92), como se vê no curioso primeiro “encontro” entre Proust e Jorge de Lima.

Um dos pontos mais fascinantes da pesquisa de Étienne Sauthier é entrecruzar a historiografia com os estudos literários, apontando para o fato de que a obra de Proust serviu de modelo intertextual, em particular para os escritores nordestinos Jorge de Lima ou José Lins do Rego, na recordação da infância e na evocação de paraísos rurais perdidos. Os Combrays pernambucanos ou alagoanos se contrapõem à vaidade e à mundanidade do mundo adulto e das grandes cidades. Sauthier sugere então que a recepção específica de Proust no Nordeste “é fortemente marcada pelas problemáticas regionalistas do momento” e que a intertextualidade proustiana serviria para alavancar “um rejeito da importação cultural estrangeira e como uma omissão dos centros culturais que são o Rio de Janeiro e São Paulo” (p. 105).

Nas duas décadas que seguem o Prêmio Goncourt de 1919, a obra de Proust torna-se representativa do cânone da modernidade literária, sem ainda ser um clássico inatacável: como tal, constitui um espelho frente ao qual os intelectuais brasileiros se posicionam e injetam reflexões sobre a própria identidade brasileira, sua inserção na modernidade e suas relações no que diz respeito à velha Europa. Étienne Sauthier identifica inflexões em função dos espaços geográficos e dos grupos aos quais pertencem os intelectuais: a recepção de Proust é mais entusiasta no Rio de Janeiro, a capital cosmopolita, enquanto os modernistas de São Paulo, buscando afirmar uma renovação literária brasileira a partir de traços mais autenticamente brasileiros, se mostram mais distantes e críticos frente ao verniz esnobe encarnado por Proust. Contudo, o autor matiza essas diferenças, apontando para as aproximações e as mobilidades cada vez maiores entre as áreas culturais do país, com “espaços de sociabilidade que favorecem a dimensão endogâmica da elite intelectual brasileira” (p. 110).

Em todo caso, que a crítica seja positiva ou depreciativa, Étienne Sauthier afirma que, nas referências à obra de Proust, é a Europa que se delineia como um “interlocutor fantasma” (p. 107). A transferência cultural que se observa na recepção de Proust é ativa e reflete uma mudança nas interações com a Europa: mesmo quando a empatia com o mundo cultural europeu

e francês em particular é muito forte, algo que aconteceu no espaço cultural carioca, em que se buscou a elaboração de uma crítica proustiana brasileira e uma divulgação dessa crítica do oeste para o leste. Vê-se isto, por exemplo, na tradução em francês, em 1931, do artigo de Alceu Amoroso Lima, “La musique chez Proust et Stendhal”.

Um aspecto fascinante de *Proust sous les tropiques* é que em todas as leituras, interpretações e reapropriações de Proust, o autor indica como se articulam diversas posições frente à questão identitária nacional. Tal dimensão vai culminar no prefácio de Gilberto Freyre, em que a rememoração do escritor fica associada a um desejo de reencontrar os tempos da história coletiva brasileira. Estamos então nos anos 1930 e a política de Getúlio Vargas, em particular nos setores da educação e da cultura, com viés nacionalista e com a participação, precisamente, de muitos intelectuais modernistas, faz eco às interrogações, no campo intelectual, sobre a identidade brasileira. A inspiração proustiana mencionada em um livro tão importante para o pensamento social brasileiro quanto *Casa-grande e senzala* ilustra também a posição cada vez mais incontornável de Proust, como uma “referência que as pessoas cultivadas devem ter lido” (p. 137).

Étienne Sauthier não deixa de lembrar, no entanto, que essas “pessoas cultivadas” constituem um público extremamente restrito de leitores que entendem o francês e têm capital econômico e cultural para ler romances internacionais cujas “importações se inscrevem em uma dinâmica de impactante regressão, o que foi acentuado pela crise econômica mundial deflagrada em outubro de 1929” (p. 137). A investigação proposta por Étienne Sauthier não abre mão, portanto, de um estudo sobre a materialidade do livro, as vendas de romances e a política editorial no Brasil, a qual, mais uma vez, se relaciona com o contexto econômico e político, além de fatores culturais. Nesse sentido, a recepção de Proust no Brasil vai conhecer uma fase decisiva depois da Segunda Guerra mundial, com a publicação, em 1948, do primeiro volume de *Na busca do tempo perdido* traduzido em português pelo poeta Mário Quintana, numa edição da Livraria do Globo.

Um ano antes dessa tradução do livro *Do lado de Swann*, se constituiu, no Rio de Janeiro, o primeiro *Proust-Club*, contando membros ilustres das letras brasileiras, de gerações diferentes, entre os quais, Carlos Drummond de Andrade, Josué Montello, Sérgio Buarque de Holanda, José Lins do Rego, Ciro dos Anjos e ainda Lêdo Ivo. O clube fez muito para dar mais visibilidade à obra de Proust, numa dinâmica que deu impulso para a tradução em português, a qual contribuiu, no âmbito da recepção de Proust, para uma certa democratização, atingindo um público mais amplo nas classes sociais mais abastecidas, assim como para fenômenos de

institucionalização (com uma presença maior em escolas, bibliotecas e pesquisas universitárias) e midiaticização. A fama alcançada pela elegante dama da sociedade paulista, no episódio evocado na introdução deste texto, é emblemática dessa midiaticização e também da conotação social que as referências a Proust acabaram por revestir, como aconteceu aliás na própria França: poder falar de Proust – sem necessariamente ler sua obra, por sinal – e mencionar *en passant* um ou dois motivos famosos de seus textos – como a Madeleine ou a Sonata de Vinteuil –, outorga um valor de “distinção”, no vocabulário do sociólogo Pierre Bourdieu, convocado por Étienne Sauthier em seu estudo.

Nesses anos do pós-Segunda Guerra mundial, em que o Brasil serve cada vez mais de mercado para a cultura importada dos Estados Unidos e durante a qual o ensino da língua francesa perde muita força, Étienne Sauthier estima que a presença tão forte de um escritor francês nas livrarias, nas universidades e nas mídias serviria de estudo de caso para relativizar “um certo discurso historiográfico” (p. 324) sobre o declínio da influência cultural francesa no Brasil. A língua, sem dúvida, perdeu espaços de difusão, mas “a cultura mesma ainda encontra um sucesso que até parece ultrapassar as esperanças dos editores” (p. 324). E na perspectiva das interações entre o Brasil e a França, que foram alvo de tantos estudos, Sauthier, a partir do seu objeto de estudo, releva que a circulação das ideias em torno da obra proustiana se fez nos dois sentidos. O Brasil, nessas décadas de maior internacionalização da cultura, destacou-se por ser um país de emissão cultural e não apenas de recepção, exportando sua música popular, seu futebol ou elementos de uma cultura mais elitista (o *Cinema Novo*, por exemplo); outrossim, a crítica brasileira, que produz e difunde fora do Brasil seus próprios trabalhos sobre escritores estrangeiros, inscreve-se, também, nesse projeto de romper com a unilateralidade.

No prefácio de um livro escrito por Philippe Wallemart, um reconhecido crítico brasileiro de Proust, Walnice Nogueira Galvão constata (2002, p.12): “Dos anos trinta aos sessenta, todos os nossos maiores críticos escreviam sobre Proust em artigos de jornal, que depois seriam recolhidos em livros.” E a estudiosa acrescenta: “Durante muito tempo, crítico brasileiro que se prezasse frequentava Proust: é só folhear as coletâneas de ensaios de autoria deles.” (GALVÃO, 2002, p.12). Pois é nesse campo fértil que o livro de Étienne Sauthier se aventura, com a particularidade de que ele não apenas observa as críticas analíticas feitas por leitores atentos como Amoroso Lima ou Álvaro Lins, mas abrange também comentários mais superficiais na imprensa ou em jogos televisivos, assim como a circulação de exemplares nas livrarias, bibliotecas ou de mãos em mãos. Como o sublinha o historiador Laurent Vidal no excelente prefácio deste livro, “o discurso que acompanha a referência a Proust acaba por ser

tão importante, ou até mais, do que o conhecimento da obra em si” (VIDAL, 2021, p. 10), pois o estudo desse discurso ilumina de que forma um autor estrangeiro alimenta questionamentos próprios ao Brasil, a sua sociedade e a sua intelectualidade. Com tal perspectiva ampla, abrangendo múltiplas facetas da recepção de Proust no Brasil, a investigação, bem documentada, além de dar uma contribuição nos debates sobre as relações entre o Brasil e a França, oferece um olhar instigante sobre as questões culturais e identitárias que agitaram o Brasil entre os anos 1920 e 1960.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 30.ed., Rio de Janeiro: Record, 1995
- GALVÃO, Walnice Nogueira. “Prefácio – Em busca de um Proust perdido”. In: WILLEMART, P. *Educação sentimental em Proust*. Cotia: Ateliê editorial, 2002, p. 11-15.
- VIDAL, Laurent. “Préface” In: SAUTHIER, Étienne. *Proust sous les tropiques. Diffusion, réceptions, appropriations et traduction de Marcel Proust au Brésil (1913-1960)*. Villeneuve-d’Ascq: Septentrion, 2021.